

27-28/3/76

SARNEY PEDE PARA NÃO APERTAR DEMAIS BOTÃO DA LIBERDADE

Vicente Limongi Netto

O Senado vive momentos de autêntica pujança democrática e liberal. Marcos Freire foi a plenário dizer que a classe política enfrenta momentos de fraqueza, aproveitando para solicitar, para mudar a situação, uma comissão de estudos. No dia seguinte, com o plenário tomado, como ainda não se tinha visto na atual legislatura — tanto que deputados sentaram nas galerias, entre eles Carlos Campos e Aldo Fagundes — o senador José Sarney, sempre inflamado, dinâmico, corajoso, consciente e independente, discursou respondendo a Freire, afirmando, entre outras coisas, para não se apertar demais o botão da liberdade que já amanhece no país, “não apenas juridicamente formal, mas, socialmente justa e verdadeira, porque ela poderá interromper seu ciclo e não desabrochar. Morrer, nunca!”

Sarney utilizou um tom firme, enérgico, em todo seu pronunciamento. Por vezes sua voz embargava, como quando recordou o “desastre” argentino: “Falo num momento histórico. Não pelo discurso de ontem nem pelo de hoje, mas pelo dia em que se instala uma ditadura militar na Argentina, pela fraqueza dos governos e a insensatez dos homens.”

Sob os olhares atentos de expressões como Daniel Krieger, Magalhães Pinto, Teotônio Vilela, Jarbas Passarinho, Itamar Franco, Franco Montoro, Henrique La Roque e do próprio Marcos Freire — que também fazia anotações e conversava muito com Lázaro Barbosa —, o senador José Sarney alertou seus colegas para o que ocorreu na Argentina, propondo que todos os políticos, indistintamente, adotassem como lema a frase do conselheiro Dantas, na Campanha da Abolição: “Não parar, não retroceder, não precipitar.”

Para Sarney, a comissão reivindicada por Marcos Freire, na tentativa de sacudir o Congresso, deseja somente enfraquecer ainda mais o Legislativo que julga fraco. No entender de Sarney, essa comissão roubaria à instituição legislativa sua missão principal que é a de ser o fórum da formulação política. A seu ver, é o Congresso o estuário natural das reivindicações do pensamento de todas as classes, mas, nunca uma instituição sem representatividade, que servisse apenas de mero by pass para a convocação desnecessária de um debate que está permanentemente aberto e de que todos os brasileiros já participam.

Sarney é da opinião que a democracia desejada por Marcos Freire não tem partidos, pois no seu discurso não há nenhuma palavra sobre eles, nem sobre os graves problemas da democracia social e do desenvolvimento econômico.

Em seguida, condenou uma visão simplista do debate político, salientando que “estamos sob medidas de exceção porque existe um processo revolucionário ainda não concluído e por vezes desafiado, mesmo porque o desejo de todos nós é que rapidamente atravessemos o túnel”.

Sarney desafia qualquer emedebista a citar uma frase sequer do presidente Geisel contrária ao Estado de Direito, às garantias à magistratura, à existência do habeas corpus. “Todo o pensamento revolucionário é da excepcionalidade desses instrumentos que serão superados pelo país, pois, a crença no Brasil nos assegura a certeza de que venceremos todos os obstáculos”.

Concluindo, Sarney afirmou que a fórmula conciliatória entre desenvolvimento e segurança entre liberdade e democracia está sendo o desafio enfrentado pelo chefe da Nação, garantindo que o desenvolvimento político prossegue e vai prosseguir, porque, como frisou, “é uma determinação, um desejo do País e uma vocação da Nação”.